

WALTER BENJAMIN

AMOSTRA

AMOSTRA

LUCYANE DE MORAES

WALTER BENJAMIN

*Cultura, contratempo,
contrapelo e história*

70

Walter Benjamin

Copyright © 2026 Edições 70.

Edições 70 é um selo da editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2026 Lucyane de Moraes

ISBN: 978-65-5427-366-4

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M827w

1. ed. Moraes, Lucyane de
Walter Benjamin : cultura, contratempo, contrapelo e
história / Lucyane de Moraes. – 1. ed. Rio de Janeiro : Edições
70, 2026.

196 p.: il.; 16 x 23 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5427-366-4

1. Benjamin, Walter, 1892-1940. 2. Filosofia da história.
3. Modernidade – Teoria crítica. 4. Cultura – Análise filosófica.
5. Materialismo histórico. 1. Título.

CDD 193

Índice para catálogo sistemático :

1. Filosofia alemã contemporânea –século XX 193

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Produtor Editorial:

Fonte Editorial



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP. 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
[Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



Editora
afiliada à:



AMOSTRA

Para Mário...

Escuta no silêncio...

... Presença na distância (!)

AMOSTRA

Método deste trabalho: montagem literária.

Não tenho nada a dizer.

Somente a mostrar.

Não surrubei coisas valiosas,
nem me apropriei de formulações espirituosas.

Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los,
e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os.

Walter Benjamin

AMOSTRA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
PREMISSA	3
PARTE I	7
LUZES DO SÉCULO XVIII NO ENQUANTO DAS PASSAGENS	9
No caminho das Passagens	11
Triunfo da razão, alegoria do mito	19
Ociosidade, negócio de classe	27
Flanar alegórico e cenas urbanas	35
Memória do presente-passado	43
A TRADIÇÃO DO PRESENTE-AMANHÃ	53
Univocidade do moderno e do antigo	55
Compreensões da tradição	63
Modernidade: tradição e inovação	69
Contradição sem tradição	77
PARTE II	85
FRAGMENTO AFORÍSTICO	87
Ler Walter Benjamin: por quê	89
DOS ÚLTIMOS PASSOS ÀS PASSAGENS	93
Do entre-local do exílio para lugar nenhum	95
AVIS RARA	123
Em torno de notícias: testemunho	125

Acerca da ausência: vestígios	157
CADERNO DE IMAGENS	163
ESTRUTURA E PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO DESTA EDIÇÃO	177
REFERÊNCIAS	181

AMOSTRA

APRESENTAÇÃO

Em oposição a uma ideia atribuída de que Walter Benjamin era apenas um crítico literário, cabe afirmar, tanto quanto possível, a importância de seu legado teórico em sentido mais amplo, evidenciando suas contribuições nas diversas áreas do conhecimento. Para além do que se atribui, Benjamin não foi simplesmente um autor nostálgico, melancólico, místico e enigmático. Refiro-me a um pensador que encontrou na história da cultura ocidental elementos de reflexão que possibilitam a superação da ideia de filosofia em termos tradicionais, aferindo a essa um sentido singular.

Como pontuou Theodor Adorno, «seu filosofar tem o olhar de Medusa», metáfora atemporal de um olhar petrificante que desafia sistemas hegemônicos, fazendo dele um símbolo de resistência. Torna-se evidente, portanto, o quanto seu pensamento atende, inclusive, às questões do tempo presente e como se faz consequente enquanto postula a necessidade de outras formas de pensar a história no sentido da articulação entre esta e uma sociedade autônoma.

Num exercício de pensamento crítico, este livro leva a termo a continuidade das reflexões benjaminianas contrárias a um conjunto de ideias que reproduz modelos estandardizados (im)postos na mesma condição ao mundo contemporâneo. E ao promover a abordagem de assuntos os mais diversos - desde aqueles relacionados ao colapso do ideal burguês até a análise da psicologia social na coletivizada cultura industrial - procura valorizar instâncias ligadas à percepção da *experiência autêntica*, tal como assinaladas na quase totalidade da obra do filósofo.

Por certo, este volume não pretende dar conta da estrutura geopolítica da sociedade germânica à época nem apresenta uma sequência linear dos acontecimentos da vida de Benjamin e tampouco ordena sistematicamente a sua obra. O que se buscou foi a construção de uma narrativa temática enquanto livre exposição de suas ideias. Em outras palavras, não se pretendeu fazer uma história completa de seu itinerário, embora um dia se anseie fazê-lo.

Tendo em vista que aspectos decisivos dos escritos de Benjamin foram tanto mais esquecidos quanto menos lhes foi conferida satisfatória relevância na abundante literatura dedicada às suas teses, a presente edição resgata aspectos marcantes de um autor de inequívoca demanda pública. É, portanto, um convite ao leitor que deseja se aventurar na apreciação de seus conteúdos, na rememoração de seus primeiros passos, nos rastros de suas últimas *passagens*.

Na tentativa de aproximação a uma experiência-narrativa que difira de uma exposição de mero aspecto comunicativo - e, por isso, mais associada à noção de *constelação* - estão aqui manifestas temáticas notadamente caras a *Walter Benjamin*, abrangendo diálogos e reflexões sobre *cultura, contratempo, contrapelo e história*.

Rio de Janeiro, 3 de setembro de 2024.

A Autora.

PREMISSA

Tendo como pano de fundo uma sucessão de acontecimentos políticos de caráter progressista e emancipatório, nos quais noções humanistas e filosóficas do período renascentista foram inicialmente apropriadas de forma basilar, o movimento revolucionário burguês do século XVIII, concebido como meio político de supressão dos poderes monárquico e eclesiástico dominantes, acabou por conduzir a sociedade à outra forma de ordenação verticalizada: a hegemonia do capital, baseada em uma ideia atrelada à concepção de um novo ideal de homem iluminado pelo saber.

Constituída como valor universal, essa concepção foi substanciada por um projeto de esclarecimento fundado no individualismo de bases liberais, fruto de contribuições teóricas representativas do período. Não por coincidência, no âmbito desse saber hierarquizado de classe, a ênfase dada às questões objetivadas pelo ratio foi exemplar.

Com efeito, pode-se dizer que no tempo presente esse mesmo ideal, sob a égide da razão, segue - como um projeto - exercendo ampla influência nas áreas da política e da cultura, tendo em vista tanto as idealizações primeiras que basearam suas origens liberais quanto o seu reflexo, resumindo ações irracionais empreendidas sob o escudo da competição - e do resultado - a despeito de tudo o que responde à condição racional do humano no âmbito das sociedades ungidas pelo capital.

É essa lógica de competição que tem impulsionado as relações do mundo igualmente desigual, sem qualquer razão justificada senão aquela que busca reproduzir na civilização a violência que ocorre de forma atávica na natureza. Decorre desse entendimento a necessidade da crítica à própria ideia de razão em seu sentido ilógico, instrumentalizada, de forma a atender as cada vez mais rigorosas necessidades do mundo criado para as trocas.

Em nome de uma ideia solidária que anime o mundo iludido por justa desilusão, o que resta é a esperança de que «no meio tempo, possa o indivíduo dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia talvez retribua com juros e com os juros dos juros», como evocou Walter Benjamin em seu texto *Experiência e pobreza*.

Mas, aparentemente, a mínima consequência relativa ao que Benjamin convoca aparenta estar mais distante hoje do que no tempo em que as contradições resultantes do universo do capital determinaram aqueles conflitos de ordem mundial iniciados no continente europeu, não sendo esses, como se sabe, fenômenos originários daquele tempo. Ao contrário, esses conflitos resultaram do próprio surgimento da sociedade forjada no sistema de trocas, demarcado ao menos em fins do século XVIII quando da ascendência de uma ideologia de Modernidade que segue, como ontologia, ecoando em corações e mentes, iluminada por lampejos mercadológicos que incorporam como metafísica a própria dinâmica das relações de produção.

Sob essa perspectiva, o que resta para o indivíduo de hoje é um encantamento de classe imposto como aspiração, justificado por uma ideia de Modernidade sem antecedentes, sendo esse um evento que se pode dizer originado como memória de um passado-presente. Dos valores aristocráticos de uma classe em descendência, transmitidos a uma burguesia em ascensão, reproduzem-se princípios equivalentes - assimilados do passado como presente - às atuais classes médias motivadas a perpetuá-los no tempo com igual determinação, movimento esse que reporta à trágica repetição de uma farsa histórica.

Sobre a aspiração da burguesia revolucionária à condição aristocrática - mediante reprodução de modos e costumes assimilados - vista apenas como fenômeno daquele período dos setecentos, vale assinalar o registro de Benjamin em suas *Passagens*, extraído de um artigo de março de 1896, que revela ser essa ocorrência algo mais arraigado do que supunha a historiografia vã: “Na história da Comuna, os germes desta revolução são ainda sufocados por plantas parasitárias que vicejaram na revolução burguesa do século XVIII e invadiram o movimento revolucionário dos operários do século XIX” (Mehring *apud* Benjamin, 2018: 1257).

Publicado no volume I da Revista do Partido Social-Democrata da Alemanha, *Die Neue Zeit*, de Stuttgart, sob o título *Em memória da Comuna de Paris*, chama atenção o aspecto, por assim dizer, atemporal do escrito que, distante mais de 100 anos, pode ser atribuído sem qualquer prejuízo à derrocada política das forças progressistas na contemporaneidade: “Faltaram na Comuna a sólida organização do proletariado como classe e a clareza de princípios referentes à sua vocação na história universal” (Mehring *apud* Benjamin, 2018: 1257). Como se fosse hoje, assim se refere o artigo, reportando-se ao ano de 1871.

De autoria do historiador Franz Erdmann Mehring, é certo dizer que o artigo, em sua consistência, fornece subsídios suficientes para se interpretar a inconsistência dos

movimentos progressistas no mundo de hoje: “Foi disso que resultou sua derrota” (2018: 1257), registra Benjamin, finalizando sua anotação do artigo. Além de explicitar o processo de degradação relacionado à vivência empobrecida na insipiente sociedade do capital, isenta de novas experiências e desvinculada da Tradição, o escrito de Mehring também lança luzes sobre as causas da desesperança daqueles que historicamente nada tem podido senão esperar.

Relacionado a isso, Benjamin, em suas teses *Sobre o conceito de história*, afirma que “a tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é, na verdade a regra geral”, referindo-se a um estado no qual direitos plenos são suprimidos por força, sempre em nome de interesses de classe. Como antídoto, o filósofo propõe como ação teórica de enfrentamento político algo que não só antecede, mas, também, vai além da forma prática usual de luta, mediante ruptura ideológica com a totalidade subjetiva do sistema hegemônico: “Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade”, verdade essa que conta a mentira do que está dado como regra geral. “Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção” (Benjamin, 1987a: 226).

Desse modo, Benjamin convida a pensar sobre um estado de exceção que, ao contrário daqueles tantas vezes instalados pelas forças *après-garde* do mundo liberal derivado do esclarecimento, atenda, por sua vez, as necessidades das classes historicamente dominadas. E ao propor a consequente supressão dos interesses destas classes desde sempre hegemônicas - em prol de um estado de exceção instalado sob o signo do progresso -, o filósofo, ao definir e dar nome àquelas referidas forças, arremata: “Com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo” (Benjamin, 1987a: 226).

Ocorre que, se no interior dessa ontologia ainda é quase impossível realizar a crítica à mentira estabelecida como verdade no nível mais basilar, necessário determinar outro modo *negativo* de regulação das mentalidades - irrestrito à esfera meramente cognitiva - que opere um rompimento ontológico capaz de, primeiramente, reverter esse estado de coisa mediante uma espécie de desencantamento da ideia-fetice de sociedade idealizada na produção de mercadorias. Refere-se com isso à possibilidade de evocar no presente “as esperanças históricas passadas”, ou seja, de assumir os traços emancipatórios que possam ter permanecido de épocas anteriores, levando a termo o fortalecimento da posição anti-sistema sugerido por Benjamin.

Questão exemplar para o mundo contemporâneo, o que Benjamin propôs à época parece ter relevância equivalente - ou talvez maior - para a realidade de agora, isto é, para

um mundo ainda constituído sob as mesmas orientações categóricas de matizes liberal e burguesa, base ontológica da Modernidade estabelecida nos termos do capital.

Substituir esse poder - instalado como encanto na consciência dos indivíduos médios desencantados com o curso do mundo - é tarefa desmistificadora que se impõe de forma decisiva, por mais indefinido que se torne esse curso. Os limites da análise histórica do mundo imaginado como produto serão determinados em igual dimensão pelo próprio estado de seu declínio, por mais inimaginável que isso ainda seja.

À paralisia política revolucionária dos oitocentos - mencionada por Mehring - ocasionada por fatores subjetivos desde sempre ignorados ou postos em segundo plano, correspondeu uma ociosidade de classe semelhante àquela aristocrática aspirada pela burguesia dos setecentos - o *taedium* da *vita contemplativa*, como se referiu Benjamin - exponencialmente vivenciada agora, no século XXI, pelas classes médias sob a inspiração neoliberal. É a farsa trágica da repetição da história.

PARTE I

AMOSTRA

AMOSTRA

**LUZES DO SÉCULO XVIII NO
ENQUANTO DAS PASSAGENS**

AMOSTRA